

# A PEROLA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  
damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: H. S. Carvalho

Redactor e Administrador,

Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO  
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE  
Guimarães

28 de MARÇO de 1905

Preço da assignatura: anno 500 reis

Numero avulso . . . . . 20 reis

Editor, Gabriel Pereira de Mesquita

## A PRIMAVERA

Tempo de rosas e de perfumes, era de amores e de gorgeios, a Primavera entrou.

A vida que os gelos de inverno tinha paralisado e morto entra de novo a correr subtil nas arterias da Natureza insuflando a de uma poesia todos os annos desejada, todos os annos esperada e todos os annos nova.

Não entrou, este anno a Primavera louça, toda garrida nos seus amplos vestidos doirados feitos de luz do sol, nem embriagadora das fragancias subtis de uma madrugada azulada e poetica; veio sim, friorentamente envolta em rajadas e aguaceiros, com o vestido alvissimo de neve salpicado de lama do inverno, que velho teimoso e caturra, capricha em não ceder á sua florida successora o throno olimpico das estações.

Mas mesmo assim, enlameada e friorenta, a Primavera, sempre linda e gentil conseguiu com uns rapidos e fugitivos sorrisos de luz transmittir aos homens, e principalmente ás senhoras, uma parte da sua alegria radiante e florida, e á natureza inteira, ás aves e ás plantas toda a plenitude da sua vida exuberante inspirando gorgeios áquellas e despertando n'estes desejos vibrantes de uma nova vida, de uma nova floreação.

E quando, dias volvidos, ella na sua admiravel omnipotencia conseguir escorraçar de vez o impertinente inverno com o seu desagradavel sequito de ventanias e aguaceiros, nós havemos de ir, e vós haveis de ir, gentis leitoras, por esse prado em fóra beber a largos haustos a divina ambrozia da sua aia, a Flora, e colher, a qui e além as pequeninas flores campestres, preciosissimas joias tombadas do seu diadema augusto e adoravel.

## ESPHINGE.

Dedicado ás damas vimaranenses.

Seguia-o um esquadrão de principes submettidos e os escravos dos differentes povos sujeitos ao seu jugo, formavam immensos rebanhos. Os seus generaes eram mais poderosos que os reis e elle equalava-se aos deuses.

Tinha conhecido todos os prazeres e contemplado todas as dores.

A voz dos homens não tinha para os seus ouvidos mais entonação que a supplica. Proclamavam-no Deus em todas as linguas e prostavam-se deante d'elle todos os corpos. As alavancas do seu poder formavam estrondo no ar. O rei, á porta da tenda, contemplou a immovel esphinge e passou por o seu espirito a recordação das frases do escultor, repetidas de geração em geração na memoria dos homens:

«Sò uma palavra poderá commovel a».

Resplandeceu, como sempre acontecia, em seus olhos a luz da victoria, e fez com que se adeantassem humildemente, os principes vencidos e apresados. Por detraz d'elles mandou collocar os carros carregados das mais raras especiarias que a cubiça humana pode sonhar e atraz dos carros as immensas falanges de prisioneiros procedentes de todos os povos subjugados, que eram todos os povos conhecidos.

Estendeu depois o seu brilhante exercito, cofre de tanta riqueza e freio de tantas vidas escravas, e, seguido pelos seus generaes, adeantou-se para a esphinge.

Lentamente começou a subir pelas escadas de seda que os seus capitães ataram ao tronco da escultura, e proximo já da cabeça feminina do monstro, olhou triumphalmente o fructo das suas victorias e as linhas do seu exercito ven-



cedor e com accento vibrante e energico pronunciou a palavra

**Gloria!**

A esphinge continuou immovel, contemplando com os seus olhos sem pupilas, os immensos areas do deserto. Um estremecimento de ira agitou o corpo do rei e fez relampaguear a sua armadura d'ouro.

Não era aquella a palavra da esphinge? Ha frase mais formosa na linguagem humana?

Poderá qualquer outra commover as entranhas de pedra do monstro de corpo de leão e cabeça de mulher?

Vencido por a primeira vez, desceu o rei da escultura e uma profunda tristeza estendeu-se por o seu rosto. De que lhe servia ter vencido cem reis e sujeitado ao seu jugo sem póvos, se a palavra «gloria», unica que a elle o fazia estremecer, deixava immovel e indifferente a colossal esphinge? Fugindo da sua derrota mandou o rei levantar as tendas e viu com tristeza desfilar todo o aparato do seu poder, todo o testemunho da sua gloria.

Pouco depois, seguido dos seus generaes, abandonou tambem o campo da sua derrota e ao afastar-se levava lagrimas nos olhos. Pranto de dôr ou pranto de ira, aquellas foram as primeiras lagrimas que conheceram as suas palpebras. E quando desapparecen no horisonte o ultimo resto da pompa d'aquelle rei vencedor de cem reis, a esphinge continuou immovel contemplando os immensos areas do deserto.

(CONTINUA)

REIS "O PEQUETO,"

**DEPARAÇÕES, EM UMA ALDEIA**

Que gemidos vêm ferir os meus ouvidos!... Ah!... E' o triste solitario que do alto d'esta torre, coberta de hera, eleva até ao ceu a sua lastimosa queixa.

O musgo que o tempo reduziu a pó, cresce em montes sobre estas frondosas arvores.

Aqui á sombra dos ciprestes descansam os rusticos antepassados dos habitantes d'esta aldeia, e na sua estreita morada estão encerrados para sempre.

Já para elles não brilha no fogão o lume, nem a sua querida esposa prepara a comida.

Para elles já os seus filhos não levantam as suas innocentes mãos, solicitando um osculo que inveja a sua querida mãe.

Seus filhos! seus queridos filhos lhe rodeiam o leito e quasi loucos de allicção, no centro de angustiados suspiros lhe exclamam!... Mãe! porque razão nosso pae nos abandona?... Porque motivo nos deixa n'esta innocente idade, sem apoio, sem recursos, entregues á descripção de um mundo insensivel e indifferente!...



Ah! .. mas nos corações das infelizes mães, é que se vão reunir todas as angustias,

e todas as penas que estão divididas.

Oh, esposas enganadas e infelizmente desgraçadas!... Hi-de chorar a instabilidade das cousas humanas, sonhando uma unica ventura: a do eterno descanso no silencio da sepultura.

Os vossos esposos queridos descansam em outros braços, já não são amorosamente apertados pelos vossos!... Dormem actualmente n'este cemiterio entre os gelados braços da morte, em o esquecimento, em o eterno esquecimento d'este mundo e de vós.

H. S. Carvalho

**AMOR DE MULHER.**

(Inedito)

II

Os dois amigos deram em silencio alguns passos.

—Conclue a historia da infamia, disse secamente o primeiro.

—Lá vae!

Arrancou do charuto uma grande fumaça que deitou de vagar e sibilando por entre os labios e depois prosseguiu:

—Deixei passar uns mezes durante os quaes a minha assiduidade junto da minha amante e as minhas constantes caricias, não te posso dizer se verdadeiras se falsas e, sobre tudo a minha constante fidelidade, essa real e verdadeira, posso jurar-o, a convenceram de que o filho era o laço que nos ia unir mais estreitamente e indissolvelmente até, talvez.

Ella recuperara a saude perdida, andava agora alegre e ligeira pela casa e pelo quintalejo, como uma avesita n'uma gaiola, exposta ao sol da primavera.

E eu passava lá no meu *ninho d'amor*, como alegremente lhe chamava, não só as noites, mas ainda os dias.

Enquanto ella saltava alegre e feliz d'uma para outra sala, cantarolando e rindo de tudo e a proposito de tudo, eu extendia me n'uma cadeira de verga lendo um romance em voga, leitura que apenas interrompia para responder com um choveiro de beijos ás creancices d'ella que queria que eu lhe dissesse se desejava antes um menino ou uma menina, do nome que n'este ou n'aquelle caso se lhe daria, de quem serian os padrinhos e até da carreira que elle seguiria se sabisse rapaz...

—Um rapagão, forte como tu; como tu generoso e bom. Um retrato ten, mas um retrato com vida e movimentos, com o teu malicioso movimento dos olhos, com os teus cabellos negros e fartos...

E depois de um momento:

—E meu? O que ha-de elle ter meu? Eu quero que elle se pareça muito comigo, mas tambem queria que elle tivesse alguma coisa minha...

E afastava-se a pensar para voltar d'ahi a um momento mais alegre, mais radiante, mais carinhosa:



— Já sei... Ha-de ser como tu, bom, generoso amante mas ha de herdar de mim a espontaneidade no amor, a sinceridade, a constancia, o arrebatamento.

E como prova do seu arrebatamento apertava-me louca em flaxidos abraços cobrindo-me de beijos os cabellos, a testa, os olhos, os labios.

—E assim elle ha-de bem *sakir* a nós os dois.

Outras vezes então eram os sonhos negros de uma morte proxima...

—E se eu morro do parto?...

Confesso-te que cheguei a antever essa circumstancia como um auxiliar poderoso á minha libertação...

—Canalha! murmurou surdamente o seu interlocutor...

—Confesso-o, mas conheço que ninguem pode ser superior aos rebates de uma idéa aferroada e constante.

(Continua)

A. A.



## SONHANDO.

Em que sonho tão triste, minha q'rida!  
Eu te vi esta noite já passada...

—Sonhei-te morta e fria, já sem vida  
N'um caixãozinho leve reclinada.

Eu vi-te assim deitada adormecida,  
Olhos sem luz, a face desmaiada...  
De rosas brancas toda guarnecida  
Eras da Morte a noiva, minha amada!...

Tive da Morte então cruel ciúme  
Porque a vi debruçada sobre ti  
Aspirando, a megéra, esse perfume

Que se evola subtil dos labios teus  
E n'esse sonho horrivel eu pedi  
Como um bem, para mim, a morte a Deus.

Guimarães-10-3-905.

A. S. Carvalho

## OS CANTICOS DA MENDIGA

Os gemidos da meia noite retumbaram nos bronzes das esguias torres, e o silencio accordou sorrindo-se p'ra inquieta viração que corria, abrindo as suas diaphanas azas. mansa e fagueira, murmurando phrases de amor ao poetico luar.

E a pobre velha, sentada no vão d'uma porta com a sua querida e pequenina companheira, dormia, sonhando que a negra morte a arrastava ao sepulchro, desviando-a das agru-

ras d'este valle de lagrimas.

E, enquanto ella dormia, a sua innocente companheira com os seus lindos olhos debulhados em pranto, fitava a olympica morada e dizia em uma voz fraca e lancinante:

—Meu Deus, meu Deus como somos desgraçadas!

E que seria de mim, d'esta pequena engeitada, se não encontrasse esta santa velha? Santa, sim, porque ella é uma santa!

Oh! como são lindas as cantigas que ella ha pouco me ensinou!

Como são bellas!

E cantarolou:

Dae uma esmola á velhinha  
Que não pode trabalhar.  
Dae-lhe um bocado de pão  
Para a fome mitigar,  
Que na etheria região  
Deus vos ha-de abençoar.  
Dae uma esmola á velhinha  
Que não pode trabalhar.

Tende d'ella piedade,  
Irmãos não a 'scarneceis  
Porque um dia pode ser  
Que a mendigar chegueis,  
E esse ingente soffrer  
Vós então conhecereis.  
Tende d'ella piedade,  
Irmãos não a 'scarneceis.

Estendei, pois, vossas mãos,  
Almas puras, caridosas,  
E deitae-lhe com doçura  
Se pão não tiverdes, rosas,  
Para que a vil amargura  
Que tanto e tanto a tortura  
A deixe e mais suas dores.  
Consolai-a com flores  
Almas puras, virginosas.

(CONTINUA)

Delfim Guimarães

## Adelaide!

Adelaide! Adelaide! como sôa bem,  
Aos meus ouvidos nome tão divino!  
Queria entoar em sua honra um hymno,  
Mas em segredo, não o ouv'sse ninguem!

Nome tão terno em letras d'oiro fino,  
Gravas-te tu no coração de quem;  
Te adora como a candida cecem.  
Os beijos do orvalho crystallino.

Nome tão terno em que edialiso  
Uma mulher formosa, divinal,  
Um anjo que desceu do paraizo,

Uma Venus de labios de coral,  
Brincando sempre em languido sorriso,  
Mas tu vaes ainda além do ideal!

Na Fonte Santa, 23-3-905.

Albertino R. Barroso





Os gemidos das nossas liras

XVIII

Eu sinto minh'alma presa  
Com cadeiados de flores!...  
Sinto minh'alma ferida,  
De tanto sonhar amores!...

A. S. Carvalho

XIX

Maria!—nome da Virgen,  
Maria!—nome tão bello!  
Maria como eu amo  
Esse teu nome singelo!

Delfim G. da S G

XX

Eu rio-me quando ris,  
E soffro quando soffreres!...  
Choro tambem quando choras,  
Morro quando tu morreres!...

ADDA

XXI

A constante anciedade  
E perpetua escuridão,  
Teus olhos me condemnaram  
Por fital-os com paixão!

CARMO

QUE EMPORTA ?

Que emporta a vida d'um susp'ro debil  
Vergada ao sópro d'um bafejo teu?  
Que emporta a morte se a paixão descerra  
Das niveas azas, lago azul do ceu?

Que emportam mares de vertidas lagrimas  
Nascidas todas d'uma vil traição?  
Que emportam settas de cruentes dôres,  
Cravadas fundas por nefanda mão ?

Que emporta mesmo que m'escalde o sangue,  
D'um peito jovem que feriste assim?  
—Oh! crava, crava bem profundo ferro,  
Que emporta seres homicida alfim?...



A louca de Brito

A leve encrespação sarcrastina que de continuo lhe confrangia os labios, accusava-o d'uma cynica indifferença.

O todo, era a mais bella expressão do typo phlegmatico.

Era filho d'um abastado proprietario da aldeia de Brito.

Preclulario por indole mas economico por estudo.

Chamava a todos os seus companheiros, das grandes orgias, *erimos*.

Em uma tarde de janeiro seu pae achando-se doente, chamou-o p'ra junto do seu alvo leito, deu-lhe os bons conselhos, reprehendeu-o das suas infatigaveis estouvices, disse-lhe, onde existia toda a sua fortuna, e morreu abraçado nos seus braços.

Julio sentiu a morte de seu pae em extremo, mas senhor do seu colossal morgadio começou a viver em Guimarães: vida de luxos e grandezas.

Depois de dissipar um bom quinhão da herança que o pae lhe deixara, voltou á sua casa de Brito, gasto pela vida que ufanamente tinha arrastado.

Desde-ahi dedicou-se á caça de toda a especie...

Elle e mais um seu amigo corriam todo o concelho em exercicios venatorios que, muitas vezes, quasi sempre, se transformavam em caçadas a mulheres...

Rodolpho do Souto era um rapaz moreno, de cabellos negros, d'olhar arrogante e provocador, labios sorrindo constantemente ingenuidade e tristeza.

Filho de gente remediada vivia em Brito, em uma pequena quinta que seus bondosos paes amanhavam.

Leonôr e sua velha mãe, vós caros leitores, bem podeis emaginar duas mulheres do povo, trabalhando todo o dia n'um trabalho arduo, para matarem a fome, para viverem livres, como vulgarmente se diz, de vergonhas do mundo.

Leonôr, como já disse, era bella como um cherubim.

Os cabellos eram loiros como o milho maduro!

Os olhos eram azues, azues como a olympica morada!

O rosto era branco, branco como a nata do leite!

Emfim, o todo da nossa gentil personagem, faria inveja ás virgens de Murilo.

(Continua)

Delfim Guimarães

